

## CORPO ESTRÁBICO: AMOR, SEXO E DESEJO

STRASBY BODY: LOVE, SEX AND DESIRE

Edson Luiz André de Sousa<sup>1</sup>

Resumo: O trabalho versa sobre o amor e o embaralhamento de lugares, assim como suas tentativas de simetria, marcando um estrabismo do corpo onde os opostos não se anulam e os restos dos desencontros possibilitam ao sujeito a construção de um percurso. A fundamentação teórica é composta pela psicanálise de Freud e Lacan, assim como por contribuições filosóficas e das ciências sociais de Bataille e Caillois, dentre outros. Contribuições da arte ilustram as ideias do autor que, através delas, propõe uma compreensão sobre o ponto essencial do trabalho psicanalítico.

Palavras-chave: Amor. Arte. Psicanálise. Sexualidade.

*Abstract: This work is about the love and the shuffling of places, as well as their attempts at symmetry, marking a strabismus of the body where the opposites do not cancel out and the remains of the misunderstandings enable the subject to construct a course. The theoretical basis is composed by the psychoanalysis of Freud and Lacan, as well as by philosophical and social contributions of Bataille and Caillois, among others. Contributions of the art illustrate the ideas of the author that proposes an understanding on the essential point of the psychoanalytic work.*

*Keywords: Love. Art. Psychoanalysis. Sexuality.*

O amor e suas diversas posições de pêndulo, oscilações, espaço entre – entre um e outro, tentando fundar um intervalo onde surja o desejo<sup>1</sup>. O sexual tensionando o amor naquilo que revela de um lugar outro. George Bataille tenta circunscrever esses espaços com o termo de erotismo, experiências de desequilíbrio.

O erotismo, eu o disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer, que no erotismo, Eu me perco. (BATAILLE, 1987, p. 29).

Amor como embaralhamento de lugares, que nos lança a questão de onde situar o eu e o outro, exigindo uma resposta desesperada ao *Che Vuoi?*<sup>2</sup> O que o Outro quer de mim? Tentativa de simetria, mas queda vertiginosa no

<sup>1</sup>Psicanalista, analista membro da APPOA. Professor titular do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da UFRGS. Professor do PPG de Psicanálise: Clínica e Cultura. Pós-Doutorado e Doutorado pela Universidade de Paris VII. Pós-Doutorado pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS). Pesquisador do CNPQ. Professor visitante na Deakin University (Melbourne), Instituto de Estudos Críticos (Cidade do México) e De Paul University (Chicago). E-mail: edsonlasousa@uol.com.br

embaralhamento constitutivo das posições que oscilamos. É impossível focar no mesmo ponto aquilo que me falta e o que falta ao Outro. O corpo como pêndulo.

Cildo Meireles, consagrado artista brasileiro, criou entre 1977-1979 uma obra que nomeou *Estojo de Geometria* (Neutralização por oposição e/ou adição). Em uma pequena caixa de madeira podemos ver dois pregos, dois cutelos e 400 lâminas de barbear. Os pregos são dispostos frente a frente, fazendo contato em seus pontos de perfuração. Os cutelos, da mesma forma, se alinham um diante do outro e são soldados em seus pontos de corte. Como gêmeos siameses grudados em suas superfícies de perfuração, tal disposição dos objetos anula a função dos mesmos e permite-nos pensar no adágio clássico dos opostos que se anulam. As lâminas, compactadas umas contra as outras, produzem uma espécie de ruído sutil, indicando uma potência contida pela aglomeração compacta. Este estojo de geometria concentra, portanto, uma reflexão essencial sobre a função do corte e de como uma potência pode ser silenciada por determinada disposição no espaço. A geometria do artista interpela o espectador. Somos provocados a resgatar um pensamento e um olhar que possam escapar da anulação por oposição ou mesmo por saturação. Ironia do equilíbrio (social) produzido por forças que não toleram a diferença. O zero, nesse contexto, seria o ideal de obter uma subtração sem resto. Penso aqui na operação  $1-1=$  zero como próxima ao trabalho do recalçamento que busca conter as perturbações e perfurações do desejo. O estojo de Cildo Meireles se aproxima, portanto, do que Freud anunciou como o princípio de nirvana, ou seja, retorno ao estado inorgânico pela redução a zero de toda energia psíquica. Assim, a solução ideal seria o silenciamento completo do corpo, imagem que encontramos na morte. Os sintomas, nesta lógica, são os pequenos ruídos/restos da imperfeição desse silêncio. O estojo acolhe os objetos como uma espécie de urna funerária. A arte não só aponta esses restos como também os produz, permitindo-nos voltar a olhar, a pensar, e a falar já que aciona outra posição de responsabilidade diante do mal-estar constitutivo do viver. Como pensar o resto na dinâmica do amor e na dinâmica do sexual?

O Seminário XI – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de Jacques Lacan, desenha uma breve anatomia da função da imagem em um corpo que podemos, com todas as letras, nomear como estrábico. Freud, ao inventar o conceito de inconsciente, propõe um novo aparelho ótico que nos abre novos olhares sobre o sofrimento humano. Portanto, um inconsciente ótico, termo proposto por Walter Benjamin, e mais recentemente redimensionado pela historiadora e crítica de arte norte-americana Rosalind Krauss, com a publicação do seu livro com este mesmo título.

Freud, ao introduzir a discussão sobre o sexual, nos joga alguns grãos de areia nos olhos. O sexual vem, portanto, introduzir uma espécie de estrabismo no corpo.  $1-1=$  zero funciona como um foco, dois iguais em situação de oposição que se anulam pelo contato. Trata-se de uma operação onde não há resto, assim nos vemos diante de uma nitidez aparente que indica nossa cegueira. Quando não há resto, não há mais questão, o circuito do pensamento, o circuito

libidinal retorna sobre suas próprias vias constituindo algo que Lacan em seu texto *Agressividade em psicanálise* chama de ereções emocionais. Quando não há resto, só o silêncio para sinalizar nosso desamparo. Captura especular no semelhante, movimento que nos seduz a todo o momento. Obra do narcisismo que Lacan aponta como o motor da paixão. Na clínica psicanalítica vemos esta paixão que resiste na “reivindicação orgulhosa do sofrimento” (LACAN, 1998, p. 110) e que coloca para o analista o desafio de abrir um litoral neste corpo que se deita no divã embalado pela máxima de La Rochefoucauld “Eu não posso aceitar a ideia de ser liberado por um outro que não eu mesmo” (LACAN, 1998, p. 110).

Precisamos da palavra que faça barreira a esta tendência ao cinza que reúne todos os heterogêneos no mesmo tom. Palavra/desequilíbrio, palavra rasgadura das superfícies homogêneas. Palavra que possa tocar o sexual. Sabemos que o sexual vem traumatizar a própria teoria e assim problematizar o equilíbrio das classificações, sejam elas as particulares, sejam os grandes sistemas que compartilhamos na esperança de instituir contatos. Nosso engano! O mimetismo em sua plasticidade desrealizante nos mostra a extensão das estratégias defensivas que nos instituem. Sexual que reatualiza os heterogêneos fagocitados pelas técnicas e tecnologias do conhecimento. Neste ponto vale lembrar Roger Caillois e seu surpreendente e inspirador *O mimetismo e a psicastenía legendária* e que Lacan evoca no Seminário XI nas aulas nas quais aprofunda a reflexão sobre o olhar. Diz Caillois: “O conhecimento, sabe-se, tende a supressão de todas as distinções, a redução de todas as oposições, de maneira que seu objetivo parece ser o de propor a sensibilidade a solução ideal do seu conflito com o mundo exterior e de, assim, nela satisfazer a tendência ao abandono da consciência e da vida” (CAILLOIS, 1938, p. 119).

Freud é tão sensível a este ponto que justamente termina seu clássico *Três ensaios* com um resto que funciona como um rasgo na superfície de toda sua apresentação: rasgo esperança, rasgo provocação, rasgo desafio. Escreve Freud: “...não podemos formar, com nossas observações isoladas, uma teoria capaz de explicar suficientemente as características normais e patológicas da sexualidade” (FREUD, 1981, p. 1.237). Livro, portanto, que não conclui, e que revela as cicatrizes inevitáveis que o sexual produz. Restos que são como germes do heterogêneo. Neste ponto, algumas perguntas se impõem: O que faz contato no desejo? O que faz contato no sexo? O que faz contato no amor?

Onde o contato não se anula, um litoral se preserva. Ali aparece o estrabismo do corpo. O corpo estrábico indica um desencontro. Desencontro já muito bem desenhado por Lacan no Seminário XI quando lembra o poema *Contracanto de Aragon*: “É em vão que tua imagem chega ao meu encontro e não me entra onde estou...” (LACAN, 1979, p. 79). Freud inclui no amor os sentimentos ternos das primeiras emoções sexuais, mas cujo fim é, dali em diante, inibido ou substituído por um fim não sexual. Nos *Três ensaios* distingue amor normal (*liebe*) da paixão amorosa, enamoramento (*verliebtheit*). Já Lacan vai propor pensar o amor como “amar é dar o que não se tem a quem não o quer”. Insiste, no seminário da Angústia, que o Outro não quer um amor que venha a obstruir a

falta. Diz ele: podemos ver em estado puro nesta situação em que o amor pode colocar a vida em pane (LACAN, sd./a). Diante desse amor excessivo e intrusivo, o sexual vem lembrar a condição da falta e desequilibrar novamente o sujeito. Encontramos um fora de foco que instaura o estrabismo do corpo. Não conseguimos focar em um mesmo ponto aquilo que me falta e do que falta ao outro. No seminário da Identificação, Lacan indica que o que o amante procura “é menos no outro o desejável, que o desejante, ou seja, o que lhe falta” (LACAN, sd./b, aula do 21/02/62). Esse sujeito ao qual dirijo meu amor tem que suportar algo que não tem. Justamente na condição de suportar esse lugar que um contato pode se estabelecer.

O impasse é que nenhum pintor consegue olhar ao mesmo tempo para o modelo e para a tela. Podemos lembrar aqui a célebre pintura de Velásquez, *As meninas*. Ali o artista consegue figurar um estrabismo entre a representação e o objeto. Na passagem de um para outro produzimos sombra e esquecimento. Algo escapa na tentativa desesperada de colocar esses dois pontos no mesmo lugar. O que queremos (e não conseguimos) é apagar o estrabismo estrutural à medida que um olho vai para um lado e o outro vai para o outro.

Vivemos hoje em uma cruzada chamada técnica e ciência que sonha com discursos onde nada falte. As imagens cada vez mais transparentes, mais nítidas, mais consumíveis, mais saborosas. Neste campo, certo estrabismo é quase uma virtude. Assim podemos fazer algo mais interessante com nosso mal-estar. Como lembra Lacan no seminário sobre a Transferência, “a forma pura do mal-entendido é então que o amante não sabe o que lhe falta, que o amado não sabe o que tem, mas de qualquer forma, os objetos não coincidem” (LACAN, sd./c, aula do 30/11/1960).

Freud apontou o estrabismo estrutural com a divisão do sujeito, e a irrupção do inconsciente. Desejo uma coisa, mas meus atos revelam outra, às vezes, o contrário do que eu desejo. Lacan, no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, aponta uma insatisfação no amor que consiste em que jamais tu me olhas onde te vejo: disjunção de lugares.

O corpo estrábico busca, assim, articular esses dois pontos, a dimensão do dia e da noite, da ordenação e da vertigem, do mar e da areia, da vida e da morte. Lacan é enfático quando diz que o amor é um engodo, já que amar é essencialmente querer ser amado: vapores do narcisismo. Busca da imagem que garanta um lugar. Através do texto sobre *Etapa do espelho*, Lacan (1998) indica como a imagem do Eu se forma. O Eu se constitui na identificação com a imagem do outro. Essa identificação só se instaura a partir de uma perturbação, de uma falta. Para que a identificação se consolide é preciso uma perturbação na relação dual a um outro, um terceiro que venha perturbar essa absorção especular, na relação inicial com a imagem do outro. Este terceiro instaura o campo do simbólico: Outro que se desenha no detalhe, na manifestação por vezes mínima, colocando uma espécie de poeira neste olhar em que dois estão presos. Este Outro funciona como uma mosca que faz bzzzzzzzzzz, por exemplo, uma mancha, um grão de areia, uma suspensão, uma careta, o social, a voz do pai, detalhes que vêm perturbar meu deleite imaginário com o outro (LACAN, sd/

b). O sujeito se identifica a esta pequena insígnia que nada mais é a marca do que lhe falta. Ora, este é o pequeno traço que resguarda o meu estrabismo. O estrabismo seria, dentro desta lógica, uma das figuras da castração.

Há uma passagem em Lacan no seminário da Identificação muito esclarecedora em relação ao impasse do amor e do desejo. Trata-se de algo que Lacan vai propor a partir de um texto de Abraham de 1924, “Esboço de uma história da libido, baseada na psicanálise dos problemas mentais”. Nesse texto Abraham desenvolve uma teoria do que seria o amor parcial ao objeto. Ele traz neste artigo o sonho de uma paciente histérica que viu o corpo de seu pai nu e desprovido de pelos pubianos. Através de certo número de exemplos equivalentes, Abraham chega à conclusão que, em qualquer pessoa, as partes genitais permanecem irredutivelmente investidas no campo narcísico do corpo próprio. No interior do recinto narcísico o que a imagem do semelhante mostra é um branco nesse local do sexo. No sonho descrito por Abraham, o pai está desprovido de pelos pubianos. O branco na imagem amada é o ponto pivô do desejo, o ponto cego, diante do qual o eu organiza seu desejo. Então amar é dar o que não se tem e só se pode amar fazendo de conta que não se tem porque é preciso preservar a condição da falta no outro. O amor como resposta implica no domínio do não ter, vai insistir Lacan, no seu seminário sobre a Identificação.

O ponto essencial do trabalho psicanalítico é, portanto, buscar um resto de imagem a partir do qual o sujeito possa vir a construir um percurso. “E a este ser de nada que se dirige nossa tarefa cotidiana de abrir novamente a via de seu sentido em uma fraternidade discreta; na medida em que somos demasiado desiguais.” (LACAN, 1998, p. 126). A psicanálise tem esta importante função de redesenhar nossos estojos de geometrias.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sigmund Freud Associação Psicanalítica no ano de 2016.

<sup>2</sup> Ver o trabalho de poesia concreta de E.M. de Melo e Castro, intitulado pêndulo de 1961/62. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ff9XAvGJMPE>>. Acesso em: 15 out. 2016.

<sup>3</sup> Referência ao romance de Jacques Cazotte, de 1772, “O diabo amoroso”.

#### REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: LP&M, 1987.

CAILLOIS, R. **Le mythe et l'homme**. Paris: Gallimard, 1938.

FREUD, S. Três ensaios para uma teoria sexual. In: **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

LACAN, J. **L'angoisse. Séminaire 1962-1963**. Paris Publication de l'Association Freudienne, [s.d./a].

\_\_\_\_\_. **L'identification. Séminaire 1961-1962**. Paris: Publication de l'Association Freudienne, [s.d./ b].

\_\_\_\_\_. **Le transfert. Séminaire 1960-1961**. Paris: Publication de l'Association Freudienne, [s.d./ c].

\_\_\_\_\_. **Seminário XI – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. Agressividade em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.